

## RESUMO/ ABSTRACT

### **LILIA MOMPLÉ: ESTÓRIAS DE UMA HISTÓRIA CONTADA COM LÁGRIMAS**

A reorientação da vida em Moçambique pós-independência foi prejudicada pela ação de grupos inconformados com a descolonização. Estes, formados majoritariamente por elementos ligados à política sul-africana do *apartheid*, semearam a instabilidade no seio do país. O artigo analisa a escrita da moçambicana Lilia Momplé (dois livros de contos e uma narrativa mais longa), na qual a autora transforma ações terroristas patrocinadas pelos vizinhos sul-africanos em textos ficcionais em que desenha um painel de crimes inspirados pelo preconceito, ranço do colonialismo.

**Palavras-chave:** violência; *apartheid*; mulher; Moçambique; ficção.

### **LILIA MOMPLÉ: STORIES OF A HISTORY TOLD WITH TEARS**

The re-orientation of post-independence life in Mozambique was damaged by the action of groups who were not adjusted to decolonization. Those, majorly formed by elements linked to the South-African apartheid politics, sowed instability in the country. The article analyzes the writing of the Mozambican Lilia Momplé (two books of tales and a longer narrative), in which the author transmutes terrorist actions supported by their South-African neighbours in fictional texts where she draws a panel of crimes inspired by prejudice, rancidness of colonialism.

**Keywords:** violence; apartheid; woman; Mozambique; fiction.



## LILIA MOMPLÉ: ESTÓRIAS DE UMA HISTÓRIA CONTADA COM LÁGRIMAS

*Zuleide Duarte*

Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,  
Campina Grande-PB  
zuleide.duarte@hotmail.com

Uma significativa parte da ficção da moçambicana Lília Momplé, escritora nascida em 1935, em Nam-pula, ilha de Moçambique, desenha, em sua curta mas contundente escrita, as cenas que os horrores da guerra encenam em um país dilacerado por uma guerra colonial secundada, ou concomitante com ações de guerrilheiros e atentados perpetrados por grupo de insatisfeitos agindo em nome de um neocolonialismo, ideologia apoiada pelo regime do *apartheid* sul africano. Dando voz a personagens que foram vítimas do sistema colonialista, saindo desse regime esmagador para se tornar alvo de organizações perversas que tentavam desestabilizar o país, Lília concebe, em sua primeira coletânea de contos *Ninguém matou Suhura*, subintitulado *Estórias que ilustram a História* (1988), narrativas que datam do ano de 1935 até 1974, evidenciando a mudança apenas do elenco mas reutilizando o mesmo cenário de pobreza, de fome, de miséria, de exploração. Ninguém matou Suhura?

O primeiro conto da aludida coletânea, “Aconteceu em Saa-Saa”, mostra o desespero do colonizado que não conseguiu colher a quantidade de arroz exigida pela administração. É, por isso, forçado a seguir para as plantações dos colonos, onde os maus tratos e o desespero exigiam um esforço sobre-humano de desnutridos e cansados homens que, não encontrando a quem recorrer, buscam a solução no suicídio. Esse fato não interessa ao administrador pois “os dramas dos negros não lhe interessam, ou melhor, irritam-no! Por isso não suporta os preâmbulos do Língua. Este, que gosta de

traduzir tudo minuciosamente, fica desorientado com as pressas do administrador e cala-se, incapaz de prosseguir” (MOMPLÉ, 1988, p. 20).

A insensibilidade do administrador desse conto adquire contornos de crueldade no conto que dá título ao livro “Ninguém matou Suhura”. A órfã Suhura tem a má sorte de ser desejada pelo administrador de distrito e presidente da Câmara, que encomenda ao sipaio Abdulrazaque a preparação de um encontro sexual com a jovem, na casa de uma espécie de cafetina, D. Julia Sá, que disponibiliza um quarto para essas aventuras amorosas. Embora casado e pai de uma filha que combate o sistema colonialista e a exploração dos negros, o administrador apreciava as aventuras com indefesas jovens negras que possuía à custa de ameaças, auxiliado pelo cruel Sipaio e por uma velha mal afamada que vivia nas proximidades. O descaso pelos negros é tal que a sórdida velha Agira argumenta:

A velha Agira não esteve com delongas. Entrou logo no assunto, começando por referir a grande, a enorme sorte que a avó tinha. Pois não era que o senhor administrador, um homem tão importante em todo o mundo, tinha visto a sua neta Suhura e tinha gostado dela? Gostara tanto que queria dormir com ela, uma simples negra sem valor. E o Sipaio Abdulrazaque estava ali para arranjar tudo da melhor maneira (MOMPLÉ, 1988, p. 81).

Este arrazoado desumano, racista e desrespeitoso revela em quão pouca conta os valores humanos fundamentais eram levados na época da colonização. Por muitos de seus principais atores. A menina é considerada objeto de nenhum valor que o capricho de um importantíssimo tornou desejável. Por esta ótica, nada mais honroso e agregador de valor do que se entregar a um homem estranho, só porque ele desejava. Ainda o infame sipaio acrescenta que daquele encontro poderá chegar um bom saguate ou gorjeta à pobre avó. Acusada de consórcio com terroristas, o que era gravíssimo, a pobre avó acertou o sacrifício da neta com o Abdulrazaque.

Como ovelha no matadouro, a pobre Suhura aguarda apavorada seu algoz. Desafia-o com o seu silêncio, com a repulsa que cresce quando o Administrador se aproxima. Uma luta desigual é travada naquele quarto, cenário de tantas cenas de sedução e posse de vítimas indefesas. Vencedor, o mais forte abate literalmente a sua vítima. Mais uma vez, o sipaio resolve mais uma “maka” em que se envolveu seu chefe. Salvaguardando a integridade da cafetina e a posição intocável do chefe, Abdulrazaque devolve Suhura à avó, a quem impede de gritar e chorar.

Celina, personagem de “O baile de Celina”, terceiro conto da coletânea, é também vítima do preconceito quando é impedida de participar das solenidades da formatura por ser negra. Apesar do excelente desempenho na Escola, a moça é comunicada pelo diretor que

...há certas coisas que é preciso dar tempo ao tempo. Vem o senhor Governador-Geral e pessoas que não estão habituadas a conviver com gente de cor. E vocês também não haviam de sentir-se à vontade no meio delas! Para evitar aborrecimentos de parte a parte achamos melhor vocês não irem ao baile. Seria muito aborrecido que... (MOMPLÉ, 1988, p. 55).

O que podemos observar pelos exemplos é um preconceito que se traduz no medo da convivência com o negro. Como se a cor da pele, antes de condenar seu portador, como disse Fanon, é um libelo contra a incapacidade de convivência com o outro, considerado diferente e provavelmente inadaptável. A explicação do diretor da escola é clara: as pessoas brancas não se sentiriam à vontade em um baile com dois negros, Celina e seu colega, tão instruídos como os outros, brancos, que participariam da colação de grau. Não bastava ser educado e ter condições econômicas para comemorar a formatura. A questão era mesmo de preconceito, de desconforto diante do discriminado ou talvez de culpa por admitir a excelência dos estudantes, a igualdade diante de todos, quando se postulava uma presumível inferioridade. O mais chocante ainda é tentar transferir para os estudantes negros do conto o sentimento de desconforto e inadaptação que é próprio do discriminador, não do discriminado. Olhar o diferente como *avis rara* é problema de quem olha e não de quem é olhado. Nisto também residiu o ódio do administrador contra Suhura, que não reconhecia o privilégio de ter sido escolhida por ele, rejeitando-o e lutando até a morte contra a sua cupidez insaciável. Naquela luta, a narradora diz que “a ironia que brilha nos olhos de Suhura lembram ao senhor administrador um outro olhar, o inqu-ietante olhar da sua filha Manuela. Então a raiva que o sufoca atinge o auge” (MOMPLÉ, 1988, p. 86).

A filha Manuela cobrava-lhe as injustiças cometidas contra os negros, que defendia no espaço da escola onde trabalhava. E não obedecia nem respeitava o pai, por quem nutria, ao contrário, um profundo desprezo. Impossibilitado de destruir a filha também, o administrador elege Suhura sua vítima, e desconta nela o ódio pelo seu desprezo e ódio pela filha, que detesta, por desafiá-lo sempre. A lembrança de Manuela no momento da insana luta contra a jovem negra exacerbou a cólera do homem, que já não se sabia movido pelo desejo sexual, agudizado pela recusa, ou pelo ódio contra a negra, símbolo das contrariedades que enfrentava, com o fantasma das revoltas à roda.

Os textos de *Ninguém matou Suhura* cobrem o período de 1935 a abril de 1974, data da Revolução dos Cravos. Coincidência ou não, o conto que fecha o livro intitula-se “O último pesadelo” e narra o drama de um português filho de emigrantes que, deixando Angola para retornar a Portugal, não se readaptou, regressando a África para trabalhar e construir a vida. Vivendo em um hotel com outros brancos, ouvia as notícias sobre massacres de colonos por negros e assustava-se com a violência dos comentários dos companheiros de residência. O ódio generalizado pelos negros

incomodava Eugenio, que nutria uma secreta simpatia pelo MPLA, comungando com seus ideais de liberdade, embora isto viesse acarretar prejuízo para os colonos. Seu arraigado senso de justiça, entretanto, não lhe permitia pensar diferente.

A mal disfarçada simpatia pela causa dos angolanos atraiu para Eugenio a desconfiança dos demais moradores do hotel, que perpetraram violenta ação contra os funcionários negros dali, sem que Eugenio soubesse. Surpreendido por gritos, o rapaz aproximou-se, e Eugenio nunca soube como conseguiram juntá-los, mas o certo é que se encontravam ali todos os empregados negros do hotel.

Lá estava o velho Sabonete, responsável pela limpeza do seu quarto, os empregados de mesa e da cozinha, catorze ao todo. Gritavam e davam saltos grotescos, procurando fugir das pauladas que os brancos que os rodeavam desferiam com vigor. O sangue jorrava-lhes das feridas abertas por todo o corpo, sobretudo as cabeças inchadíssimas (MOMPLÉ, 1988, p. 96).

A chacina que se realizou não pôde ser evitada por Eugenio, que, ao repreender os outros, é acusado de traição e ameaçado com uma arma. Obrigado a assistir às horripilantes cenas de massacre, Eugenio permaneceu até a madrugada como espectador mudo ao assassinio frio daqueles homens. O texto de Momplé não economiza descrição de cenas violentas, como para enfatizar a verossimilhança dos fatos narrados. Nessa primeira coletânea de contos, pode-se afirmar que a violência física e/ou psicológica atravessa(m) o tecido ficcional desde o enforcamento de Mussa Racua até o pesadelo de Eugenio, cujo sono era povoado pelas imagens do massacre que foi obrigado a testemunhar. As guerras miúdas de grupos organizados e pessoas preconceituosas e ressentidas motivam a escrita de Lilia Momplé, que, atenta aos efeitos da colonização e das guerras, transmuta em ficção as cenas de guerras menores embora não menos violentas e, sobretudo, injustificáveis. Faces de uma guerra que ainda não conheceu trégua e longe está da deposição definitiva das armas.

### **Os anúncios da Cobra Verde**

No bojo dos mais inusitados acontecimentos e discussões, os personagens apresentados nos textos de Momplé estão sempre tentando reorganizar a vida ou o que restou dela, em meio ao caos estabelecido onde deveria se sedimentar uma nova ordem.

Os contos reunidos no volume *Os olhos da cobra verde* (1997) trazem à cena personagens que sobreviveram às duas grandes guerras, a colonial, contra os portugueses, e a civil, onde moçambicano

combateu moçambicano. A mais renhida e violenta guerra, entretanto, enfrentam homens e mulheres, contra o maior dano causado pelo colonizador: a colonização das mentes. Essa luta não tem dado trégua e vem patrocinando a reprodução de hábitos e comportamentos combatidos durante o período da colonização. Não foram, em absoluto, a expulsão do português, a retomada das referências próprias, o retorno às denominações antigas ou mesmo a euforia da liberdade, razões suficientes para expurgar do país o ranço do dominador. As práticas atentatórias à liberdade e o desrespeito pela tradição local deixou uma crosta dura de remover, cedendo apenas após esforço árduo e contínuo que nem sempre os próprios heróis da independência estão dispostos a empregar.

A presença dos colonizados mentais abunda em contos como “Stress”, no qual encontramos uma figura de mulher, espalhafatosamente vestida, vivendo sua solidão domingueira à espera do amante, major-general. Inominada, a mulher exhibe, para um espectador solitário e desinteressado, o corpo, a graça juvenil da

pele de mulata clara. Vivendo no bairro da Polana, antigo reduto de colonizadores, a mulher desfila, de sua varanda, o luxo e a riqueza que o dinheiro do amante pode pagar, ao mesmo tempo em que sofre com o corpo mal aproveitado, luxúria reprimida que se oferece ao professor pobre, que toma regradamente, sua garrafa de cerveja, enquanto escamoteia as mágoas da vida de miséria, sem comida, sem roupa e, principalmente sem paz. Para ela a satisfação carnal seria realizada com o jovem. Mas do luxo do colonizador que aprendeu a desejar e invejar, só na condição subalternizada de amante de fim de semana, poderia desfrutar. Amuo e frustração acompanham a solitária da varanda, fruto exposto.

Só então, depois de passar uma derradeira gota de perfume pelo lóbulo da orelha e de mirar, mais uma vez aprovativamente, a imagem que o espelho lhe devolveia, a amante do major-general se considerou pronta para sair do quarto.

Encontra-se agora, como todos os domingos à tarde, desde que vive nesta (*sic*) *flat*, à espera do amante, na varanda que dá para a rua, oferecendo-se, entretanto, qual troféu desejável e inacessível, à contemplação de transeuntes e vizinhos (MOMPLÉ, 1997, p. 10).

Enfadada, desgostosa, a mulher só encontra entusiasmo na contemplação daquele homem de “rosto grave e melancólico, não obstante a extrema juventude dos seus traços” (p. 13). Durante dois longos anos, a mulher se ofereceu àquele homem que a ignorava. Um misto de ódio e desejo tomava conta dela, que não podia aceitar a indiferença daquele que, ao contrário dos outros cobiçosos olhares masculinos, não lhe dirigia o olhar. Ressentimento, ódio, desejo reprimido, despeito fazem a mistura explosiva dos sentimentos da amante acerca do homem com quem jamais falou.

O contraste entre a ninfa da varanda e o torturado torcedor, espectador do *Xirico*, diversão de domingo, com um inseparável e único copo de cerveja, revela uma nova discriminação, oriunda não mais da ação direta do português colonizador mas do produto de uma luta que teve seus princípios nacionalistas desvirtuados, reduzindo-se a um mero jogo de gerir os próprios interesses. Um retrato duro dos que ganharam com a guerra em contraponto com os que perderam e continuam, não importando de quem vem o ataque: do invasor ou do estômago faminto.

À amante não faltam vestidos caros, bons cosméticos, uísque, campari, restaurantes finos. Para o pobre professor, nada além de carências e parentes pobres banidos do campo para a cidade, acumulando dívidas e indo ao tacho das já desnutridas crianças. E desespero. A confissão dolorosa que faz na chefatura de polícia mostra um homem vencido pelo drama da vida, pela má gestão da pátria recuperada, gáudio para uns, desgraça renovada para outros, como ele:

- Venho entregar-me. Matei minha mulher.
- Matou sua mulher? – pergunta o polícia, atônito, pois não consegue relacionar aquele homem de aspecto tão pacífico com um crime de morte.
- Sim, matei – murmura de novo, o professor.
- E porquê? Qual foi o móbil do crime? – insiste o polícia, num tom já mais profissional mas ainda incrédulo.
- Não sei. Acabo de a matar.
- Não sabe? Então acaba de matar a sua mulher e não...
- Não sei... talvez porque eu próprio já não consigo viver – responde o professor tentando esconder as lágrimas que, teimosamente, lhe brotam dos olhos...

O conto que dá título à coletânea, “Os olhos da Cobra Verde”, recorta a figura de vovó Facache, “mulher já velha em anos e sofrimento, não obstante a postura derreada do corpo, conserva no rosto a luminosidade de quem uma longa vida não conseguiu extinguir a inocência e a capacidade de encantamento próprios da infância” (MOMPLÉ, 1997, p. 23).

A velha, que vivia escondida por causa dos constantes ataques da Renamo, depara-se com a pequenina cobra verde, a benfazeja cobra de que falava seu pai, nas inesquecíveis sessões de contação de histórias. A autora aproveita as lições da tradição, como a atividade narrativa exercida pelos mais velhos, bem como o registro das crenças e rituais do povo macua, principalmente como veremos adiante nos comentários sobre o conto “Xirove”.

Esse livro, o último que publicou, contempla temas também relacionados à colonização e ao pós-guerra, mas sua abordagem é menos crua e observa-se um laivo de esperança, aliás, anunciada pela

cobra verde. Nas palavras do pai, “Lá no Norte há uma pequenina Cobra Verde, tão verde que se confunde com as folhas das plantinhas novas ou com o capim no tempo das chuvas, e tem uns olhos espertos e também verdes como dois berlindes de vidro. É uma cobra boa” (Id., p. 24).

A própria Facache, apesar de anos de sofrimento, conheceu o amor e a realização com seu primeiro marido, caminhoneiro que muito amou e por quem foi muito amada. Viúva ainda jovem, a mulher casou-se novamente na esperança de gerar um filho varão, mas o segundo marido deu-lhe traição e filhos adulterinos. A infância feliz da mulher permitiu-lhe tomar uma acertada decisão: “o segundo marido, ela mesma expulsou de casa, não obstante lhe ter criado, com abnegado amor, os três bastardos que ele engendrou fora de casa” (Id., p. 26). Divorciada, Facache criou os filhos e exerceu o importante cargo de Vice-Presidente da Associação dos Negociantes Indígenas de Lourenço Marques, lutando pela defesa dos direitos dos indígenas contra a exploração dos colonos.

Comparativamente, Facache representa uma nova mulher na ficção de Momplé. Se nos reportarmos a Suhura, “uma simples negra sem valor nenhum”, ou Aidinha, prostituta negra, tuberculosa, do conto “Caniço”, ou à mulher de Mussa Racua, que fugiu com outro homem por não suportar a fome de alimentos e de notícias, a velha avó representa uma esperança de valorização do papel feminino em uma sociedade onde a cobiça do colonizador ou a miséria familiar empurram meninas e mulheres à degradação e à morte. Em “Os olhos da Cobra Verde”, há ainda Mariamo, comerciante, irmã de Facache, que era mãe solteira por não se dispor a aturar maridos, vivendo livremente: “A mais bela, porém, a “tia” Mariamo, decidiu ficar solteira, não se coibindo, no entanto, de ter filhos de vários homens que ela utilizava como autênticos ganhões, uma vez que a nenhum deles amou verdadeiramente” (Id., p. 28).

A independência das mulheres daquela família aponta para uma visão menos redutora do papel que elas desempenhavam na comunidade. Segundo o texto, Facache ganhou um forte sentimento de dignidade e autoestima, nunca antes experimentado. A decifração do encontro com a cobra verde traduziu-se em vaidade, por ter sido escolhida pelo réptil, e esperança. Alinhada a Mariamo e Facache está Alima, cujo sonho era estudar, adquirir um diploma. Enfrentando a oposição do pai e posteriormente do marido, Alima matriculou-se em uma escola noturna para realizar seu projeto de alfabetizar-se, mas o marido, que sempre esteve apaixonado por ela, não hesitou em ofendê-la e propor-lhe uma escolha:

Já disse, é escolher: ou eu ou a escola. Mulher não precisa de estudar e ainda por cima, de noite. Quem anda de noite, sem marido, é mulher vadia – replicava o marido que, como acontece com certas pessoas de carácter recto, se tornam inflexíveis quando pensam que a razão está do seu lado (MOMPLÉ, 1997, p. 42).

A perseverança e o desejo de estudar da mulher suplantaram a rejeição do marido e de toda a comunidade familiar, que a reprovou, negando-lhe, inclusive, abrigo. A guerra adiou os planos de Alima mas não os matou. Forte no seu desígnio, a mulher não se deixou dominar, obrigando assim o marido, doente e saudoso, a procurá-la, implorando seu retorno. Alima impôs sua condição, dando as cartas, situação nova e imprescindível para o seu crescimento. Mãe adotiva, matriculou as duas filhas na escola, ratificando sua confiança na instrução do ser humano para a consecução da verdadeira liberdade: sair do jugo da ignorância. A emoção ao receber o diploma da quarta classe é assim descrita:

Ao receber o seu, Alima sente o coração bater de tal modo que se surpreende por ainda o conservar no peito. Para ela, não é apenas um modesto certificado da 4ª classe que segura com ambas as mãos, mas o testemunho do seu grande esforço para levantar o véu que encerra um mundo de infinitos horizontes, com que sempre sonhou, desde criança (MOMPLÉ, 1997, p. 45).

O discurso violento e ressentido que se percebe nos contos do livro anterior (1988) ou na narrativa mais longa de *Neighbours* (1995) cede lugar a um registro firme mas suavizado pela narração de uma realidade contra a qual se pode, ao menos, esboçar reação.

### **Xirove: um ritual que não apaga as marcas da diferença**

Ao lado de contos onde a indiferença e a ganância sufocam os sagrados laços familiares – como no texto “Um canto para morrer”, no qual o marido abandona a esposa por não suportar a filha portadora de síndrome de Down ou o alto funcionário do governo foge do país usando a própria máquina oficial, em que ocupava importante cargo, ou ainda, irmã desaloja e trai desapidadamente aquela que a socorreu –, Lilia Momplé narra estórias onde os rituais da tradição macua dão o tom do texto inspirado nas raízes da cultura.

O conflito de gerações instala-se mais decisivamente quando a discussão envolve cultos e práticas que não são estribadas na compreensão cientificizada de um mundo positivista, icástico, sem lugar para crenças, presságios, bons e maus augúrios ou ancestrais protetores, como acontece com o anúncio da cobra verde, a celebração do Ide ou o ritual do xirove. O homem jovem insurge-se contra o que considera atrasado, ultrapassado, primitivo. Tenta negar a supremacia do “mais velho”, contrariando o que preconiza a tradição, que vê na figura do idoso a experiência e a sabedoria, uma biblioteca em vias de destruição. O conselho de anciões, acontecimento solene e da maior relevância nas comunidades tradicionais, tornou-se, contemporaneamente, um local de disputas onde valores da cultura local são

discutidos e questionados, e ações e palavras iconoclásticas reduzem a nada mitos antigos e reverenciados, em nome de um progresso ou modernização incompatíveis com a tradição.

Uma nova ordem social estabelece um grave conflito entre a tradição e a modernização dos costumes, que, em dissonante e dolorosa desarmonia, tentam ocupar os mesmos espaços. A interrupção do processo educativo ancestral africano, em observância a regras milenarmente respeitadas, gera o sentimento de estranhamento ou de estrangeiridade estudado por Freud como *unheimlich* (1919); por Colin Wilson como *outsider* (1985); como estrangeiro para si mesmo, por Julia Kristeva (1994); ou ainda, como exilado, aproveitando a reflexão de Edward Said (2003). De um personagem exilado da sua própria condição, trata “Xirove”, penúltimo conto do livro *Os olhos da Cobra Verde*.

Salimo, personagem do conto, sofre da inadequação e do desconforto ao regressar após longo período de ausência e notar que sua presença não é desejada.

O afastamento do núcleo familiar, desejado ou não, deixou marcas que o ser, humano, ou de papel, carregará ao longo de sua história. É de um drama dessa natureza que trata o conto “Xirove”. Solidão, ressentimento e abandono desenham o cenário da pequena aldeia.

O retorno, impossível, como disse Abdelmalek Sayad (1998), sociólogo argelino para quem o lar é o país para onde não voltaremos jamais (*Le pays ou l'on n'arrive jamais*), afigura-se difícil para quem é bem-vindo e festejado, mas insuportável para aquele que é indesejado, execrado e apagado em sua comunidade. Vivido como culpa, “pecado original que é a própria migração”, o migrante alimenta o desejo de retorno como uma oportunidade de expiação, de volta à normalidade. Para quem migra, é como se o tempo ficasse suspenso ou, nas exemplares palavras de Sayad:

pelo retorno... (Só se deixa o grupo para melhor reencontrá-lo, e, se possível, no mesmo estado, “tal como a eternidade o congelou”, fixou-o de uma vez por todas. Reencontrá-lo como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse mudado durante a ausência – é a ilusão da qual se alimenta a nostalgia – e, sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, não para reencontrar, como imagina, as coisas como as tinha deixado, mas para se reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu: é desta outra ilusão que frequentemente participa a decepção engendrada) (SAYAD, 1998, p. 12).

A constatação de que invadia, literalmente, um mundo que há muito deixara de lhe pertencer assalta Salimo, personagem do conto “Xirove”. Ainda criança, o menino fora sequestrado a caminho da escola por homens da RENAMO e, a partir de então, passou a viver uma experiência que não escolheu: incêndios, violações, roubos, assassinatos. Um parêntese de onze anos de exílio e clandestino.

tinidade, espalhando o terror por onde passava com o grupo de guerrilheiros embrenhados na mata. Seu retorno é orquestrado por uma tempestade, refletida também no ânimo com que foi recebido:

Nessa tarde, não muito longínqua, Salimo parecia ter brotado da própria tempestade que se abatera sobre toda a região de Malema. (...) Apenas se ouvia o choro intermitente das crianças, a bátega torrencial e o ribombar dos trovões que, por vezes, pareciam arrancar a palhoça dos seus alicerces. De vez em quando, um raio que caía mais perto iluminava o aposento com uma luz que se extinguia lentamente no ar pesado (MOMPLÉ, 1998, p. 69).

O retorno do guerrilheiro assustou as crianças, seus sobrinhos, cuja existência ignorava, e trouxe indignação à comunidade e ao irmão, que o tratou com hostilidade.

Ao desejar o regresso, “elemento constitutivo da condição de imigrante” (cf. SAYAD, 2000, p. 11), Salimo ainda se imaginava o menino irmão de Atumane, sonhador de outros mundos. A infância roubada, o embrutecimento resultante da vida na selva, a crueldade praticada indiscriminadamente, marcaram o rosto do homem, tornando-o um estranho, estrangeiro indesejado, perturbador de harmonia.

Diferentemente de outros migrantes, não havia ninguém à espera de Salimo. Seu retorno não era desejado sequer pela velha mãe que não adivinhou “naquela figura rude, aterradora e expectante, traços do menino afetuoso e dócil (...) ao atentar na cor argilosa dos olhos e dos cabelos eriçados, veio-lhe, repentina mas insidiosa, a impressão de que ele trazia ainda, aderente ao corpo, resquícios de sangue das vítimas da guerra” (MOMPLÉ, 1997, p. 70).

Os macuas, povo a que pertencia Salimo, são reconhecidamente hospitaleiros, e os que chegam são ruidosamente aplaudidos, crivados de perguntas e bons augúrios e mimados com oferendas. Nada da tradição zelosamente cultivada na comunidade indicava alegria ou mesmo boa vontade com o retorno do homem. A decepção de Salimo diminuiu um pouco quando a velha mãe, incomodada com as perguntas que o filho dirigia à família e só ela contestava, de forma “breve e concisa”, sugeriu que ele tomasse banho de chuva no quintal, hábito de infância, lembrado pela mulher. Alegrou-se o homem com a recordação do menino que foi, no gesto da mãe.

O ingênuo guerrilheiro pouco aprendera do convívio humano rotineiro nos onze anos que viveu preso aos guerrilheiros da RENAMO: chegou a pensar que reencontrara a si mesmo e que podia retomar o fio de sua existência truncada pela violência, pela barbárie, pela solidão. Alegria breve no despertar da primeira manhã (MOMPLÉ, 1997, p. 72).

Levantou-se quando a manhã findava, convocado pela mãe para atender a um grupo que o viera “visitar”. Surpreso e assustado, o homem dirigiu-se ao quintal onde uma centena de pessoas de várias idades e localidades o encaravam de forma hostil. Ninguém respondeu ao cumprimento e retiraram-se acusadora e silenciosamente como tinham vindo. O último visitante pronunciou a mensagem da coletividade: “Nós já vamos. Viemos só para ver um dos que desgraçou as nossas vidas” (Id., p. 73).

O desprezo e a acusação da comunidade refletiam a inadequação e a inoportunidade daquela presença. Retorno mais que impossível, a volta de Salimo fez sangrar feridas jamais cicatrizadas. O irmão Atumane revelou-se desconfortável com aquela presença, testemunho vivo dos horrores da guerra. Para ele, a única hipótese de convivência seria a realização do Xirove, ritual que, naturalmente, Salimo desconhecia, por não pertencer à geração de jovens do seu irmão e sua cunhada. Perguntando sobre o significado do ritual, o irmão respondeu:

É uma cerimônia muito antiga e muito necessária para quem comete crimes. Claro que lá onde andaste não era possível haver essa cerimônia porque a vossa vida era só matar e roubar... (...) e para isso era preciso matar gente indefesa nas estradas, crianças, velhos e mulheres, queimar palhotas. E por as pessoas a fugir como cabritos, de um lado para o outro, sem poder trabalhar. E, afinal, o que trouxe tanta guerra? Tu mesmo que andaste com as “matchangas” tantos anos, o que é que tens? (MOMPLÉ, 1997, p. 75).

Acuado, diante das graves acusações do irmão, Salimo tenta, desesperadamente, explicar-se. Ao chamar Atumane de irmão, a raiva do outro rompe os limites: “Não me chames de irmão. Proíbo-te que me chames de irmão, gritou Atumane, fora de si”. O desabafo assustou Rafa, cunhada de Salimo, e as crianças que comiam com os pais. O temor de uma agressão física dispersou a família, restando apenas a velha mãe, sábia mulher, como são os idosos nas comunidades africanas. Ela,

... no íntimo, comprazia-se com o desabafo violento do filho mais velho que assim aliviava o coração da raiva e da vergonha que o irmão lhe casava. Ela sabia que um coração sufocado de raiva jamais perdoa verdadeiramente. Só lamentava que Salimo não estivesse, a todo o custo, justificar as atrocidades praticadas em nome de idéias que ele próprio não devia compreender (MOMPLÉ, 1997, p. 74).

As humilhações se avolumavam com os preparativos do Xirove pois lhe era vedado conviver com pessoas da aldeia ou participar de qualquer evento. Saía raramente, protegido pelas sombras da noite. Vivía uma não-existência. Só o Xirove o capacitaria para o convívio social. Precisava beber o líquido especialmente preparado para o efeito, confessar os crimes, declarar-se arrependido e prometer re-

gerar-se. Após a cerimônia purificadora, o novo homem aguardaria a primeira festa ou batuque, para ingressar na vida social da comunidade, em demonstração pública de que está reconciliado com a comunidade.

Salimo suportou pacientemente os preparativos do Xirove, passaporte necessário ao seu retorno, alimentado pelo desejo de Rafa, por quem se sentiu atraído desde o primeiro instante, quando uma corrente atravessou-lhe o corpo, encontrando eco no corpo da mulher. Essa chispa silenciosa não escapou à velha mãe que monitorava silenciosamente o curso dos acontecimentos. Foi a energia do olhar da moça que sustentou Salimo nos mais difíceis transes, na rejeição dos demais e nos duros momentos de acusação pública. Sem palavras nem toques, os dois se buscavam com os olhos e com os cheiros, como animais famintos.

Reconciliado, afinal, com sua origem, o homem compreendeu o caráter definitivo do exílio involuntário. Ali não era mais seu lugar de pertença. Ficar seria iniciar uma nova guerra, sem xiroves nem batuques.

O jovem macua renunciou a tudo pela felicidade da família, pelo reencontro com o menino que deixou na Malema. A madrugada presenciou sua despedida. Nos olhos agradecidos da mãe, o renascimento do filho. No caminhar de Salimo, a certeza de que a estrada era seu caminho.

Muitos “xiroves” e batuques o esperavam em cada vereda que escolhesse trilhar.

### ***Neighbours: cuidado com os vizinhos!***

O título do texto é uma referência explícita à incômoda vizinhança da África do Sul e seu regime de *apartheid*. Embora se tenha inspirado na obra *Neighbours*, da pintora Catarina Temporário, a escolha decorreu em função da desagradável e asfixiante sensação de desconforto experimentado pela autora durante o processo de escrita do livro. Ao deparar-se com a pintura de Temporário, Momplé encontrou “um quadro que transmitia uma sensação de agressividade difícil de suportar. O título da obra era “Neighbours” e referia-se à sinistra vizinhança do apartheid” (MOMPLÉ, 1995, p. 5).

Personagens e ações do regime do *apartheid* perpassam a obra da autora, marcando os mais difíceis momentos vividos pelos moçambicanos. No conto “Caniço”, o pai de Aidinha perdeu a saúde e ávida nas minas da África do Sul. Os ataques da Renamo, movimento apoiado pela política sul-africana, é referido como uma outra e igualmente nefanda guerra. *Neighbours*, afinal, recorta três famílias moçambicanas que das 19 horas de um dia às 8 horas do dia seguinte têm suas vidas destroçadas pela ação malévola e assassina de sul-africanos associados a um mauriciano e um entre os muitos portugueses inconformados com a descolonização, como Rui, de má índole, oportunista e aproveitador:

Fugiu para a África do Sul, onde contava com amigos que o ajudaram a enriquecer de novo. Não tardou também, tal como outros portugueses fugitivos, a envolver-se no plano de desestabilização do país do *apartheid* contra Moçambique. De início a

poiando grupos armados especializados em massacres a civis indefesos e na destruição desenfreada de infra-estruturas sociais e económicas. E, ultimamente, integrando-se, ele próprio nos comandos sul-africanos que, periodicamente, vêm realizando *raids* assassinos, sobretudo em Maputo e na Matola (MOMPLÉ, 1995, p. 98).

A narrativa ocorre, concomitantemente, em três cenários: a *flat* (*sic*) de Narguiss, matriarca árabe que se prepara para festejar o Ide, cerimônia que marca o fim do Ramadã; a flat de Leia e Janeiro, casal de poucos recursos que luta com dificuldade para criar a filha pequena Iris; e a casa de Mena e Dupont, ambiente de conspiração, onde dois sul-africanos são esperados para a realização de um ato que, a mulher desconfia, será altamente perigoso, razão do nervosismo do marido Dupont.

Lilia parte de um fato acontecido no mês de maio de 1985, na sequência de vários ataques do governo do *apartheid*, objetivando a desestabilização do governo moçambicano. Com a liberdade inerente ao ato criativo, a autora vai além do ocorrido e traça os perfis dos personagens envolvidos nessa estória que se apresenta tripartida, para, no final, atar-se em um único e trágico feixe.

Também nesse texto destacam-se as mulheres. Narguiss, inconformada com a ausência da lua nova que ainda não viu nos céus de Moçambique, apesar da informação de que, na África do Sul, ela já tinha aparecido. Mulher simples, afeitas aos costumes da zona rural, a muçulmana reclamava também de uma outra e mais dolorosa falta, o marido Abdul, nos braços de uma amante.

No outro lar, Leia sofre apertos financeiros, monotonia gastronômica, com uma dieta à base de repolho, mais acessível, porém não cessa de dar graças por ter uma casa só para si, Januário e a filha, após tantas humilhações na busca de um teto. A frase lhe aflora à mente constantemente: “É bom estar aqui... Como é bom estar aqui...” (MOMPLÉ, 1995, p. 20).

Ironicamente, mal imaginara a pobre mulher que, justamente por estar ali, naquele endereço, vizinha de moradores do ANC (Congresso Nacional Africano), será escolhida como alvo de mais uma *raid* praticada no coração da cidade, na avenida Emilia Daússe. A desdita de viver próxima de refugiados anti-*apartheid* definiu, para os assassinos liderados por Rui, moçambicano filho de portugueses e naturalizado sul-africano e um militar natural da África do Sul, cujo nome não faz jus à perversidade de suas ações, o fato de a narrativa oferecer dados da sua interferência danosa nas sociedades afri-

canas recém-libertadas, particularmente Angola e Moçambique, e de sua branquíssima, arrogante e obesa figura, esparramada no sofá da casa de Mena e Dupont, cenário da reunião dos criminosos. Ele, o sul-africano,

anseia, também por se livrar de três moçambicanos “black” que, nesta sala exígua, parecem roubar-lhe o ar e o espaço. Dá graças ao seu deus branco por não perceber o que os “black” dizem pois, assim, consegue ao menos isolar-se deles mentalmente, já que é obrigado a suportar-lhes a presença física. Procura, aliás, nem os ver, fixando os olhos desbotados e imersos em gordura, na porta que está a sua frente e no companheiro que veio com ele (MOMPLÉ, 1995, p. 95).

A autora é hábil ao configurar a cena de ódio e preconceito que domina a reunião decisiva, próxima do ataque: Rui, o matador insaciável e boçal; Dupont, o mauriciano mercenário, oportunista e covarde que surra a mulher a despeito de qualquer ninharia; Zalúia, ex-policial desordeiro e dissimulado, alimentando apenas sentimentos de represália e destruição – “Não é o dinheiro que me interessa mais. O que gramo mesmo é de um gajo poder vingar-se deste governo de merda. Quando é primeira operação? disse ele, selando assim o macabro pacto” (MOMPLÉ, 1995, p. 67); o mulato Romu, filho de uma prostituta, engajado na luta contra a Frelimo, assassino frio, revoltado, movido pelo “ódio desvairado à própria raça” (Id., p. 76); e afinal, o anônimo boer sul-africano, ansioso por livrar-se da companhia dos negros.

Pela apresentação dos criminosos, lê-se a denúncia, a acusação frontal ao vizinho que tanto mal disseminou por Moçambique. Implacável, a pena de Momplé pinta os criminosos com as cores chocantes do ódio, da insensibilidade e do descaso pela vida humana e pela sagrada liberdade tão arduamente conquistada. A autora usa a palavra como arma eficaz e duradoura na denúncia dos crimes orquestrados pela malévola vizinha e pelo inconformados e maus moçambicanos, cúmplices dos próprios inimigos. Mal suspeitam os negros que o fato de estarem conluiados com os vizinhos brancos não lhes branqueia a pele nem aplaca o preconceito enraizado contra os “black”. Assassinos, traidores, traidores da própria raça, Romu, Kalúia e o próprio Dupont, servem apenas de instrumento nos planos dos brancos que anseiam descartá-los tão facilmente como os contrataram.

A morte da inocente Narguiss, que grita diante do assassinato de Leia e Januario; os protestos de marido de Leia indicando o endereço dos refugiados da ANC; e os telefonemas de Mena denunciando a ação revelam-se impotentes para deter o crime em curso. Porém, nem tudo resultou inútil. Os assaltantes presos remetem à ideia reconfortante da coibição da impunidade, bem como a morte do execrável Dupont. A libertação de Mena, afinal, ventila os ares da esperança, que não morre apesar de tudo.

Os costumes tradicionais, as crenças e superstições invocados pelas comunidades habitantes da zona rural e mesmo da cidade, onde, apesar de tudo a ocidentalização não logrou sufocar completamente ritos e práticas de uma cultura ancestral, e o apagamento da memória, manifestada através de uma encenação de atos sacralizantes e sacralizados, representam a tentativa de afirmar uma identidade que se fratura mas não destrói, pois, como ato de resistência, impõe-se nos momentos cruciais, fênix que renasce das cinzas, mais forte e altaneira.

### Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. “Das Unheimliche”. In: \_\_\_\_\_. *Gesammelte Werke*. Ed. brasileira. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1919]. v. XVII.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MOMPLÉ, Lilia. *Os olhos da Cobra Verde*. Maputo: AEMO, 1997.

\_\_\_\_\_. *Neighbours*. Maputo: AEMO, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ninguém matou Suhura*. Maputo: AEMO, 1988.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante”. *Travessia-Revista do Imigrante*, número especial, jan. 2000.

\_\_\_\_\_. *A imigração*. São Paulo: EdUSP, 1998.

WILSON, Colin. *O outsider*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

Recebido em 23 de setembro de 2010

Aprovado em 15 de outubro de 2010

